

Entrevista com Walter Firmo

P: Walter, eu queria primeiro que você se apresentasse e falasse da sua profissão.

R: A minha profissão? Bom, eu sou jornalista, de um tempo em que não tinha faculdade, 1957. Havia o jornal do Samuel Wainer, que era o grande jornal da época, e eu fui pedir para trabalhar lá. Eu era um garoto de 18, 19 anos. Então, um brutamontes, chefe lá do departamento fotográfico, achou muito gozada a minha atitude corajosa, porque todo mundo tinha medo dele, e eu fui pedir para trabalhar... e ele gostou dessa intromissão, dessa coragem, e mandou que eu subisse. Eu fiquei lá um ano como aprendiz e, com seis meses, mandaram eu tirar carteira profissional e então me registraram como jornalista. Eu, o Sérgio Cabral, o pai do deputado, e tantos outros, naquela época em que não tinha essa coisa da qualificação profissional passada a limpo. Então, eu sou jornalista, mas com uma atuação na fotografia, pois na verdade eu sou fotógrafo, e nessa missão eu tenho sempre um prazer de sair pelo Brasil, pelo mundo, e ir fotografando sempre as coisas que eu acho que devem ser fotografadas.

P: Fale-nos do seu projeto...

R: O projeto do Graciliano Ramos foi um projeto... ele completava 100 anos de nascimento e eu estava muito atento naquela época a essa proposta. Eu coloquei na minha algibeira a iniciativa de comprar passagem aérea, de pagar hospedagem, de comprar os filmes, enfim, e ter a vontade de me empenhar e mostrar, de repente, o mundo desse autor. E aí peregrinei por onde ele foi menino, por onde ele foi prefeito, por onde ele nasceu, pelos lugares em que ele viveu, em Alagoas e Pernambuco, e fiz um trabalho, uma homenagem fotográfica, digamos

assim, um ensaio sobre algumas obras dele. Fui obrigado a ler toda a obra dele, porque até então eu conhecia só *Vidas Secas* e *São Bernardo*. E, para que tivesse um conteúdo melhor, um embasamento em relação à obra de Graciliano, eu li todos os livros dele, e daí saiu a exposição na Casa Rui Barbosa, que foi muito legal.

P: O que a gente pode ver na obra de um escritor como Graciliano Ramos? O que ele lhe revela?

R: A brasilidade do Graciliano era uma brasilidade hermética. Eu digo no sentido visceral, porque ele não era, por exemplo, um Guimarães Rosa. O Guimarães era um lírico, o mineiro Guimarães Rosa, e o Graciliano era uma pessoa hermética e mal-humorada — às vezes, ele era muito árido. Árido eu digo no sentido de... o mundo dele não era muito cor-de-rosa. Eu, inclusive, sou um colorista, mas optei por fotografar em preto-e-branco. Era para passar exatamente essa nuance do preto-e-branco. O Graciliano era uma pessoa muito cáustica em relação à própria vida e à obra dele.

P: A literatura dele é muito direta. A sua fotografia busca isso?

R: Eu tentei ser o menos amoroso possível, porque a minha obra colorida, toda, passa uma amorosidade. Mas eu queria exatamente retratar esse mundo perverso, esse mundo que não te dá saída, esse mundo com fronteiras bem limitadas pela dor, pela angústia, pela exploração do homem pelo homem. Enfim, foi nessa tentativa que eu fiz esse trabalho. Existe uma contradição muito grande quando o cinema e o autor fotográfico querem, às vezes, até homenagear a obra de um artista, porque na verdade é impossível, para qualquer autor cinematográfico ou fotográfico, entrar na cabeça de um Graciliano, de um Orson, de, enfim, um autor,

e de seu pensamento intelectual, e tentar passar exatamente o que aquele autor quis dizer. O que a gente pode fazer é uma certa aproximação, entendeu? E nessa tentativa, eu acho, como diria o jogador de futebol, eu fui feliz, eu procurei interpretar. E, na época, o meu intento, a minha exposição foi muito comentada pela crítica e pelo público.

P: O que a geografia de Graciliano revelou para o fotógrafo Walter Firmo?

R: Pois é! Nos lugares em que eu estive, como Quebrângulo, Buíque, Palmeira dos Índios, onde ele passou, ele viveu, ele nasceu, ele foi prefeito, esses lugares, de repente, eram até, de uma certa forma para mim, meio... meio adocicados em relação à obra literária dele. Porque a obra literária dele se passa, muitas vezes, em lugares fechados, absolutamente fechados, como *Memórias do Cárcere*, como... enfim, o próprio *Vida Secas* é uma coisa que se desenrola não numa cidade, mas em estâncias que estão desabridas, descobertas pelo tempo, pela seca inclemente. *São Bernardo*, por exemplo, é um drama no qual a narrativa é toda feita naquela fazenda, tudo é feito dentro de... de compartimentos, de... dentro de casa, de quarto, de sala. Então, eu fiquei até um pouco frustrado de ir a esses lugares, porque não retratei, certamente, a realidade de Graciliano nesses lugares, mas sim nos lugares que estavam mais aquém, mais fora deles.

P: Daquilo que Graciliano escreveu, o que mais o impressiona?

R: Ah, é *Vidas Secas*, sem dúvida. É a obra mais fotográfica, vamos dizer assim. É um mundo mais visual, nada aparente, mas que está ali. Eu tive muita dificuldade de passar para o papel fotográfico as encenações de Graciliano, porque realmente ele é um autor mais para ser lido do que entendido graficamente, através de uma máquina fotográfica, que trabalha com as situações paradas, não em movimento. Me parece que,

para o cinema, o ato teatral, é possível glorificar a obra dele, mas para a fotografia é um mistério você sair daquela coisa, entendeu, da narrativa para uma foto parada. Então, eu tive esse tipo de dificuldade ao retratar a obra do mestre Graciliano.